# Observador da Verdade

À Lei e ao Testemunho... Is 8:20

ANO XXII | Abril de 1962 | N.º 4


## DEVEMOS EXERCER A LIBERALIDADE

O pagamento do dízimo era apenas uma parte do plano de Deus para o sustento de Seu trabalho. Numerosas dádivas e ofertas foram divinamente especificadas. Sob o sistema judaico, o povo era ensinado a cultivar o espírito de liberalidade, tanto em sustentar a causa de Deus como em socorrer os necessitados. Para ocasiões especiais havia ofertas voluntárias. Na colheita e na vindima, as primícias dos frutos do campo — grãos, vinho e óleo — eram consagrados como oferta ao Senhor. Os respigos e os cantos do campo eram reservados para o pobre. As primícias da lã, quando o rebanho era tosquiado, do grão, quando era malhado o trigo, eram postos de parte para Deus. De igual forma, os primogênitos de todos os animais; e o preço de resgate era pago pelo filho primôgenito. As primícias deviam ser apresentadas perante o Senhor no santuário, e eram então dedicadas ao uso dos sacerdotes.

Por êste sistema de beneficência, o Senhor procurava ensinar a Israel que em tudo devia Êle ser o primeiro. Assim era-lhes feito lembrar que Deus era o proprietário de seus campos, rebanhos de ovelhas e de gado; que era Êle quem enviava o sol e a chuva para que a seara se desenvolvesse e amadurecesse. Tudo que possuíam era dÊle; êles eram apenas mordomos de Seus bens.

Não é o propósito de Deus que os cristãos, cujos privilégios excedem em muito aos da nação judaica, dêem menos abundantemente do que deram êles. " Aqualquer que muito fôr dado", declarou o Salvador, "muito se lhe pedirá". Lc 12:48. A liberalidade requerida dos hebreus era-o em grande parte para beneficiar sua própria nação; hoje em dia a obra de Deus se estende por tôda a Terra. Cristo tinha colocado nas mãos de Seus seguidores os tesouros do evangelho, e sôbre êles colocou a responsabilidade de dar as alegres novas de salvação ao mundo. Nossas obrigações são muito maiores, seguramente, do que o foram as do antigo Israel.

Observador da Verdade
**Mensário**

**Boletim oficial da União Missionária dos A. S. D. - Movimento de Reforma - no Brasil, com sede à Rua Tobias Barreto, 809 — São Paulo — Brasil**

ANO XXII, N.º 4, Abril
— 1 9 6 2 —

Diretor: **André Lavrik**

Redator responsável:
**Ascendino F. Braga**

**Escritório: Rua Tobias Barreto, 809**
**Tel 93-6452, S. Paulo.**

**Redação, Administração e Oficinas:**

**Rua Amaro B. Cavalcanti, 21,**
**Vila Matilde, S. Paulo**

Correspondência à

**Editôra Missionária "A Verdade Presente", Caixa Postal 10.007 — S. Paulo. —**

SUMÁRIO

| | |
|---|---|
| Devemos Exercer a Liberalidade ..... | 1 |
| Escrevem-nos ..... | 2 |
| Estabelecer Confiança ... | 3 |
| Nenhum Compromisso com o Pecado ..... | 3 |
| A Alimentação e o Rejuvenescimento ..... | 4 |
| Pais e Filhos ..... | 5 |
| As Maravilhosas Lições da Natureza ..... | 7 |
| Porque Saí da "Classe Numerosa" e Não Pretendo Voltar para Ela — V .. | 8 |
| Setenta Anos Depois — II . | 11 |
| O Povo de Deus Através da História ..... | 14 |
| Vinho Novo em Novos Odres | 19 |
| A Hospitalidade Cristã ... | 21 |
| A Morte de Paulo ..... | 24 |

## PENSAMENTO

*O que ensina a Palavra precisa, êle próprio, viver em consciente e contínua comunhão com Deus pela oração e estudo da Bíblia.*

*E. White.*

## ESCREVEM-NOS...

De Jundiaí, SP:

"Tive a feliz oportunidade de ler um livro dessa Editôra e fiquei entusiasmada com o seu valor educativo. Tomo ... a liberdade de pedir que, se possível, me sejam enviados catálogos e folhetos gratuítos".

D. L.

Do Rio de Janeiro, Gb:

"Vi, outro dia, na Cinelândia, uns folhetos muito bonitos que essa Editôra Missionária vem publicando, dizendo no fim que se podiam pedir todos gratuìtamente.

"Venho, pois, dar meu enderêço para que Vv. Ss. me mandem tudo que puderem..., como apóstolos da 'Verdade Presente' ".

C. F.

De Itaporanga D'Ajuda, Se:

"Peço o favor de enviarem-me a literatura que contém as indispensáveis verdades referentes à vida eterna. Gosto muito das leituras onde se acham bons e orientadores conselhos, os quais pelo menos uma parte da humanidade deveria seguir".

F. B.

De Santa Rosa das Missões, RS:

"Acuso o recebimento do exemplar 'As Plantas Curam' e mais duas revistas de que muito gostei. Lendo-as, encontrei na capa interna o anúncio:

'Enviar-lhe-emos grátis literatura que contém as indispensáveis verdades referentes à vida eterna'.

"Peço-lhes enviarem-me esta literatura".

F. X. G.

# ESTABELECER CONFIANÇA

*E. G. White*

A luz que tenho recebido, tenho escrito tôda, e grande parte dela está brilhando agora, através da página impressa. Há, através de minhas obras impressas, uma harmonia com meu presente ensino. Algumas das instruções encontradas nessas páginas foram dadas sob circunstâncias tão singulares que evidenciam o poder de Deus, que opera maravilhas, em favor de Sua verdade. Algumas vêzes, enquanto eu estava em visão, meus amigos se aproximavam de mim e diziam: Ela não respira! Colocando um espêlho diante de meus lábios, não achavam nenhuma umidade no mesmo. Foi enquanto não havia nenhum sinal de respiração, que eu continuei falando das coisas apresentadas diante de mim.

Essas mensagens foram assim dadas para confirmar a fé de todos, para que nestes últimos dias pudéssemos ter confiança no Espírito de Profecia...

Neste último meio século, minha fé no triunfo final da terceira mensagem angélica e de tudo que é ligado com a mesma, foi confirmada pelas maravilhosas experiências pelas quais tenho passado. É por isso que estou ansiosa por que meus livros sejam publicados e difundidos em muitas línguas. Sei que a luz contida nesses livros é a luz do Céu. RH:14-6-1906.

———//———

# NENHUM COMPROMISSO COM O PECADO

*E. G. White*

Meus irmãos, sêde cuidadosos ao apresentardes o assunto da fé e obras diante do povo, para que as mentes não se tornem confusas. O povo necessita ser instado a aplicar-se em boas obras. Deve-se mostrar-lhes como devem fazer para ser bem sucedidos, para ser purificados, e para que suas ofertas sejam fragrantes diante de Deus. Isso é feito pela virtude do sangue de Cristo. Mensagens de um caráter decidido devem ser levadas ao povo. Os homens devem seguir reprovando, censurando tôda prática do mal.

Se fôr dada ao anjo de alguma igreja uma incumbência como a que foi dada ao anjo da igreja de Éfeso, a mensagem deve ser ouvida através de agentes humanos, censurando o descuido, a apostasia, e o pecado, para que o povo possa ser levado ao arrependimento e confissão do pecado. Nunca procureis encobrir pecados; pois na mensagem de censura, Cristo deve ser proclamado como o primeiro e o último, como Aquêle que é tudo em tudo para a alma.

Seu poder aguarda o pedido daqueles que querem vencer. O reprovador deve animar seus ouvintes para que lutem pela vitória. Deve encorajá-los a pelejar pelo libertamento de tôda prática pecaminosa, a libertarem-se de todo hábito corrupto, mesmo que negar o eu seja como arrancar o ôlho direito ou separar o braço direito do corpo. Nenhuma concessão ou compromisso deve ser feito em favor de maus hábitos ou práticas pecamisas. MS: 26a., 1892.

———//———

## A ALIMENTAÇÃO E O REJUVENESCIMENTO

Sob a influência do regime alimentar, os fenômenos vitais experimentam profundas transformações, e, como os estados patológicos, em sua maioria, são causados pela infração das leis da Natureza, é fácil compreender o efeito que o regime exerce no tratamento das enfermidades.

Têm-se conseguido, com um regime racionalmente orientado, a restauração de muitos doentes declarados incuráveis.

Informa, por exemplo, o dr. João P. S. Vasconcelos que, pela abstenção absoluta, temporária e repetida, de todo e qualquer alimento, durante certo número de dias, em que se tem permitido apenas água, com alimentação vegetariana no intervalo entre um jejum e outro, tem-se curado a diabete, enfermidade que se caracteriza pala sêde intensa (polidipsia), apetite exagerado (polifagia) e urinas abundantes (poliúria), aumento de açúcar no sangue e eliminação de açúcar pela urina.

Com o mesmo tratamento, informa o dr. Vasconcelos, tem-se curado também o reumatismo, a obesidade, as afecções nervosas, o eczema.

Visto como essas doenças são produzidas por uma dieta errada, e, muitas vêzes, por uma superalimentação, não é preciso forçar muito as faculdades do raciocínio para compreender que a cura das mesmas depende primeiramente de uma alimentação normal, vegetariana, e, por vezes frugívora, com jejuns repetidos de tempo em tempo.

Basta termos em mente que as células do nosso organismo são banhadas por um líquido humoral carregado de toxinas, como a ptomaína, a leucomaína, etc., e de diversos ácidos e detritos, aumentados por efeito de uma alimentação viciosa ou excessiva, ou de alguma deficiência dos órgãos antitóxicos ou eliminadores abusados muito tempo, para não nos surpreendermos ante os positivos resultados produzidos pelo tratamento de que estamos falando e que visa remover a causa do mal.

Como sêres vivos, não apenas assimilamos alimentos, mas também produzimos detritos, em maior ou menor quantidade, e uns mais prejudiciais que outros, conforme a alimentação que adotamos. Os órgãos antitóxicos e eliminadores não dão conta de quaisquer excessos; sofrem com o abuso, adoecem e não cumprem normalmente as suas funções. Daí a importância do regime alimentar correto, não sòmente para os sãos, mas também, e principalmente, para os enfermos.

Se uns conservam sob a pele grandes almofadas de sebo e noutros se revela a total ausência de gordura, isso não implica que uns estejam em melhor ou pior condição de saúde do que outros, nem significa que êstes ou aqueles estejam isentos da mórbida condição caracterizada pela acumulação de resíduos no organismo. A depuração do sangue, por um regime alimentar correto, vegetariano, tanto quanto possível crudista, é uma necessidade que se impõe a todos os que queiram gozar boa saúde e viver longos anos.

Quando a carne é excluída do cardápio diário, pode, pela falta das toxinas nela

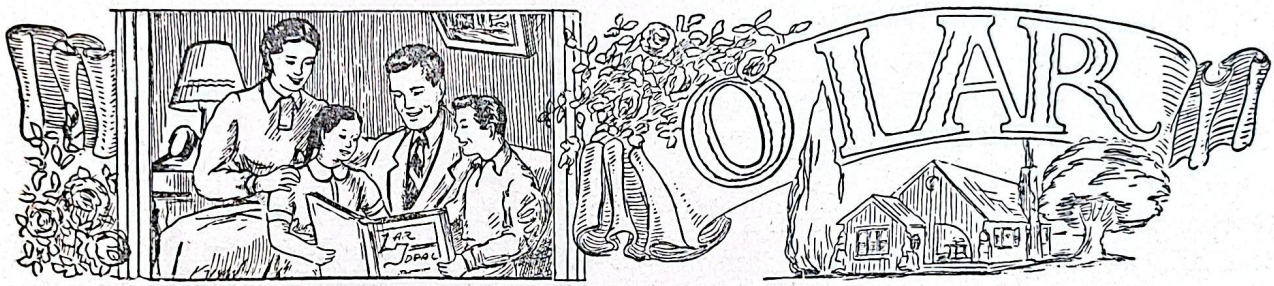
contidas, sobrevir uma sensação de fraqueza, igual à que a pessoa sente quando deixa o uso do café, chá prêto, fumo, álcool. Mas êsse aparente enfraquecimento, que se pode sentir ao abolir a ingestão dos venenos contido nos referidos artigos, desaparece dentro de pouco tempo, para ser substituida por um verdadeiro fortalecimento do organismo. Nada mais convincente nesse sentido, do que a própria experiência.

Há, outrossim, muitas pessoas que, habituadas a nutrir-se quase exclusivamente de proteínas e gorduras animais, têm, por falta de função, atrofiada a mucosa estomacal e intestinal a ponto de não tolerarem vegetais crus, ricos em celulose. O funcionamento do aparelho digestivo, nessas pessoas, é tão deficiente, tão abastardado, pelos maus costumes alimentares, que estranham uma transição brusca no regime alimentar, do errado para o certo. Tais pessoas devem fazer a mudança aos poucos, reeducando o aparelho digestivo paulatinamente.

Quem fizer essa mudança, do errado para o certo, em matéria de alimentação, experimentará, sem dúvida, um rejuvenescimento.

A Redação.

———//———




## PAIS E FILHOS

O mundo caminha a passos gigantescos para o desentendimento, para a confusão, para a anarquia, para a destruição.

Dessa sorte fatal podemos, todavia, escapar como indivíduos, salvando-nos a nós e aos nossos filhos.

A nós, pais de família, cabe grande responsabilidade, perante Deus, no que tange à formação do caráter dos nossos filhos, pois, pela maneira como os educamos, podemos encaminhá-los para a vida ou para a morte.

Muitos pais, triste é dizer, são tão indulgentes para com seus filhos, que os deixam andar em quaisquer companhias, passar o dia na rua, freqüentar cinemas, ler contos policiais, etc.

Uma pesquisa sôbre as preferências das crianças em matéria de leitura, revelaria que pelo menos 90% recai nos contos policiais que empestam a literatura infantil.

A mente da criança, excitada por essa espécie de leitura pestilenta, amesquinha-se, atrofia-se e torna-se inapta para apreciar a Verdade e compreender os deveres práticos da vida material.

Sendo que a imaginação infantil é vivamente impressionável, constituindo-se em terreno propício ao desenvolvimento de sentimentos e pensamentos bons ou maus, a leitura é um elemento educativo de primeira ordem. Por isso, na higiene moral a ser ministrada às crianças, deve-se tomar em elevada consideração a escolha dos seus livros, pois são êles grandes formadores de tendências para o bem ou para o mal nos espíritos dos petizes.

Na escolha das leituras para os nossos filhos, devemos pôr-lhes à frente os livros que tendam a erguê-los moral, mental e fìsicamente, e devemos exercer o máximo cuidado para excluir tôda a literatura que explore ocorrências policiais cheias de lutas e tragédias, enaltecendo feitos de bandidos, do que resulta sono agitado, sonhos repletos de pesadelos, e atos condenáveis.

A muitos que ainda não desempenharam o papel de educadores, poderá, à primeira vista, parecer fácil a tarefa de moldar corações e encaminhar mentes infantis, mas quem está empenhado nesse mister sabe quão difícil é conseguir penetrar no íntimo do pequeno ser, ganhar-lhe a confiança, e conquistar-lhe a amizade.

O que nunca nos cansaremos de repetir é que o menor encontra nos pais um espelho em que contìnuamente se mira, procurando imitar-lhes todos os exemplos, bons e maus, sem distinção, porque ao ver da criança são perfeitos todos os atos dos genitores e educadores.

Se os pais se preocupam com a saúde física dos filhos, tanto mais deveriam preocupar-se com a sua saúde moral, fundamentada numa vida familiar sadia. Não menos cuidado que o corpo deve merecer a alma, e a escola não supre essa necessidade.

A educação escolar nenhum valor tem se apenas reveste uma alma moralmente doentia, corrompida, arruinada. E é isso o que muitos pais e muitas mães parece não compreenderem. Só raramente têm os filhos junto de si. Consentem em que os menores se ausentem e não perguntam onde estão e o que fazem. Mercê do seu egoísmo e da sua futilidade, que parece serem mais fortes do que seu instinto paternal ou maternal, não querem desempenhar-se da paciente e nobre tarefa que sòmente a êles cabe, de prestar seu concurso pessoal na formação do caráter dos seus filhos para utilidade, para o bem, para a vida presente e futura.

É com indiviso interêsse e abnegado amor que, como pais de família, devemos acompanhar o desenvolvimento moral, e também intelectual e físico, dos nossos filhos, ministrando-lhes sempre acertados conselhos a par de bons exemplos.

Não nos esqueçamos de que nossos filhos hão-de ser o que nós, pais, os tornamos. Façamos, pois, com que, ao deixarem a casa paterna, sejam portadores de um coração puro, uma mente equilibrada e um corpo sadio, a fim de que, para a felicidade dêles e nossa, sejam uma honra para o nome de Deus e uma bênção para a sociedade.

*A Redação*

---

## "CONFESSAI OS VOSSOS PECADOS UNS AOS OUTROS"

"Aquêle Deus que nota o cair de um passarinho, observa também vossa conduta e vossos sentimentos; nota-vos a inveja, os preconceitos, as tentativas de justificar vossa ação no mínimo ponto de injustiça. Quando interpretais mal as palavras e os atos de outro, e vossos sentimentos se excitam de maneira que fazeis injustas declarações, e dais a conhecer que estais em discórdia com vosso irmão, induzis outros, pela confiança que em vós têm, a considerá-lo segundo o vosso juízo; e pela raiz de injustiça que brota, muitos são contaminados. Quando é evidente que vossos sentimentos não são corretos, acaso procurais remover as impressões errôneas com a mesma diligência com que as produzistes?... O Salvador considera estas coisas como sendo feitas a Êle próprio.

"Ora, Deus requer que vós, que assim causastes a mínima injustiça a um outro, confesseis vossa falta, não sòmente àquele a quem prejudicastes, mas àqueles que, por vossa influência, foram levados a considerar seu irmão sob um falso aspecto, tornando de nenhum efeito a obra que Deus lhe confiou a fazer...". — RH, 16 de dezembro de 1890.

———//———

# AS MARAVILHOSAS LIÇÕES DA NATUREZA

*Henne Garcia*

Para educar e instruir Seus filhos, Deus concedeu-lhes dois grandes compêndios: a Bíblia e a Natureza. Ao passo que a Bíblia fala ao nosso coração, a Natureza fala aos nossos sentidos; e as lições dêstes dois compêndios, em conjunto, impressionam de tal maneira que a memória as registra fielmente de uma vez para sempre. Cada aspecto da natureza pode ser usado para ilustrar verdades bíblicas.

Quem ao colher um ramo de flôres no seu jardim, não sente a alma fremir de satisfação diante daquele belo quadro colorido? E quem, ao ver êsse mesmo ramo desmaiado e murcho, não sente reviver na memória o verso bíblico: "A vida do homem é como a erva e a sua glória como a flor da erva"?

Quem, ao ver um manso cordeiro, não se lembra logo do "Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo"?

"Nestes ensinos tirados diretamente da Natureza há uma simplicidade e candura que lhes emprestam o maior valor. Todos necessitam das lições oriundas dessa fonte. Em si mesmo o encanto da natureza desvia a alma, do pecado e das atrações mundanas, para a pureza, para a paz e para Deus. Muito freqüentemente se enche a mente dos estudantes de teorias e especulações humanas, falsamente chamadas ciência e filosofia. Devem êles ser postos em íntimo contato com a Natureza. Aprendam que a criação e o cristianismo têm um único Deus. Sejam ensinados a ver a harmonia do natural com o espiritual. Tudo quanto os seus olhos contemplam ou as mãos manuseiam lhes sirva de ensino na formação do caráter. Desta maneira as faculdades mentais são fortalecidas, desenvolvido o caráter e tôda a vida enobrecida". PJ:24, 25.

Se alguns aspectos da Natureza nos fazem recordar versos bíblicos, algumas vêzes é a Bíblia que nos faz recorrer à Natureza para esclarecer ou ilustrar alguma verdade. Lemos: "Vai ter com a formiga, ó preguiçoso", e ficamos pensando: "Por que ir ter com a formiga?" Por curiosidade vamos prestar atenção aos exemplares animaizinhos e descobrimos coisas bem interessantes: as formigas são um povo organizadíssimo; o asseio de suas casas é digno de ser imitado. Aquelas fôlhas, aquêles bichinhos, aquêles grãos que elas arrecadam no seu trabalho diário, são armazenados nos seus devidos lugares. Que exemplo de perfeita ordem nos dá a formiga! Trabalhando incansável e diligentemente, ela é, na verdade, um exemplo para o preguiçoso.

A águia, que não se contenta em fazer seu ninho nas árvores por mais altas que sejam, mas procura os píncaros das montanhas, voando cada vez mais alto, inspira os cristãos a buscarem os mais elevados ideais.

E que lição podemos aprender do feio corvo? O cristão não deve, como o corvo,

encontrar prazer nos ambientes corrompidos. Se por acaso é obrigado, pelas circunstâncias, a viver em ambiente desfavorável, então deve ser como o lírio do brejo que, apesar de nascer e viver num lamaçal, conserva imaculada a brancura de suas pétalas.

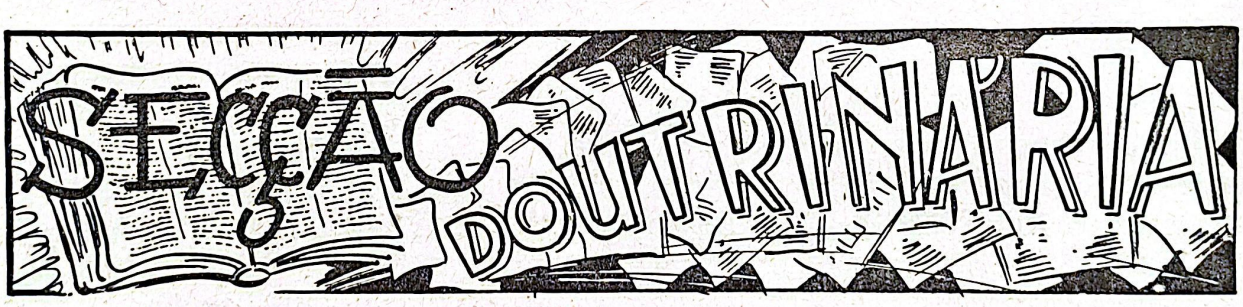
Ao vermos uma videira, imediatamente nos lembramos de que Cristo é a videira e nós as varas. Não poderia haver melhor exemplo de comunhão do que êste. O tronco, por onde circula a seiva vivificante, sustenta as varas e as alimenta. Desligue-se a vara do tronco e aí teremos material sêco e pronto para o fogo. Desligue-se o crente de Cristo e para êle não restará outro destino senão o fogo que purificará a Terra no dia do Juízo.

E, uma vez aprendida, quem esquecerá a lição da palmeira? Ela permanece sempre verde, crescendo em direção ao Céu; tira da terra o alimento e a água não só para si, mas também para as plantas menores que crescem ao seu redor. Em tôda a sua vida dá frutos que tanto melhores são quanto mais velha a palmeira. Não tipifica a palmeira, muito bem, o verdadeiro crente?

Aprendamos ainda uma lição com os coelhos e procuremos seguir seu exemplo: "Os coelhos são um povo fraco, mas fazem a sua casa nas rochas", diz a Bíblia. Nós somos um povo fraco; façamos, portanto, nossa casa na Rocha dos Séculos, pois ali estaremos abrigados contra o inimigo e suas tentações; ali poderemos compreender as palavras do profeta Isaías:

"Confiai perpètuamente no Senhor, porque o Senhor nosso Deus é uma Rocha Eterna".

———//———




## PORQUE SAÍ DA "CLASSE NUMEROSA" E NÃO PRETENDO VOLTAR PARA ELA — V

*Pedro T. Santana*

*Confusão Doutrinária (continuação)*

f — A Reforma de Saúde e o Alimento Cárneo

No que respeita a êste magno assunto, que constitui o braço direito da terceira mensagem angélica (SC:153), noto confusão na doutrina e prática da "classe numerosa". Tanto a "Revista Adventista" como o periódico "Vida e Saúde", de quando em quando, trazem artigos sôbre o alimento cárneo, mas a trombeta dá um sonido tão incerto que os membros não sabem que posição devem tomar. Na Revista Adventista" de Setembro de 1946, pág. 8, lemos que "aquêles que não puderem deixar a carne, nestes últimos dias, abandonarão o povo de Deus", e que os adventistas que não deixam o alimento cárneo "vão passando os dias, adormeci-

dos como as virgens loucas". E, na "Revista Adventista" de dezembro de 1955, pág. 8, está escrito que "hoje se torna impossível o uso da carne como alimento". Já na "Revista Adventista" de março de 1960, pág. 35, declaram que não podemos tomar qualquer posição no sentido de converter o assunto do comer carne em "prova de discipulado cristão". No mesmo artigo dizem, entretanto, que "a perdição eterna poderá representar o quinhão de todos quantos voluntàriamente erram nesta questão (de comer carne)". Ora, na "Revista Adventista" de novembro de 1959, pág. 7, afirmam que a maioria dos membros da igreja (a começar pelos pastores) "ainda continuam a alimentar-se de carne". E o que é mais objetável, diante da luz que os adventistas receberam, é o fato de comerem e beberem consciente e voluntàriamente do que sabem ser proibido, sendo que muito dêles, inclusive pastôres, praticam a caça e a pesca, e outros são açougueiros, etc., sob tolerância da igreja.

Em 1902, a irmã White escreveu dizendo que muitos semiconvertidos na questão de comer carne ficariam separados do povo de Deus (LDEP:143). Já por várias vêzes pedi a representantes da "classe numerosa" que, por favor, me dissessem quem é, atualmente, êsse "povo de Deus", de quem "muitos semiconvertidos" quanto a comer carne se estão apartando para não mais andarem juntos, etc., porque, para me salvar, preciso pertencer a êsse povo, mas êles não se explicam.

### g — A Moda e a União com o Mundo

No que tange à moda, a "classe numerosa" toma uma posição indefinida e rejeitável. Eis um exemplo:

"Não devem (os adventistas) ser os primeiros que adotem as novas modas, nem os derradeiros a abandonarem as antigas". — Revista Adventista de novembro de 1946, pág. 4.

Na prática, a moda mundana, e muitas outras coisas que denotam a união com o mundo, são toleradas. Todos os adventistas sabem disso. Mas dessa maneira a igreja perde o direito de ser reconhecida por Cristo. De todos os problemas, a união com o mundo é um dos mais sérios; e de todos os pecados é um dos mais graves.

A igreja judaica e a igreja romana decaíram pela união com o mundo (C:381, 382). As igrejas protestantes eram a princípio reconhecidas por Deus enquanto mantinham erros doutrinários não obstante, mas decaíram e foram rejeitadas quando abriram as portas à união com o mundo, pois aos olhos de Deus êste mal parece ser mais grave do que aquêle. O próprio Espírito de Profecia põe a união com o mundo em primeiro lugar e os erros doutrinários em segundo. Diz a irmã White:

"Além da pecaminosa união com o mundo, as igrejas que se separaram de Roma apresentam outras características desta". C:383.

Não segue, porventura, a "classe numerosa" o exemplo das suas antecessoras na "pecaminosa união com o mundo"? Sim! O Espírito de Profecia dá o seguinte Testemunho:

"Em vez de levar o mundo a prestar obediência à lei de Deus, a igreja está se unindo mais e mais intimamente ao mundo na transgressão. Diàriamente a igreja se está convertendo ao mundo". 8T:119.

Sendo essa a condição denominacional da "classe numerosa" (ler também 2TSM: 64-66 e SC:41, n.e.), ela não poderá esperar, como igreja, reconhecimento da parte de Cristo, e é preciso que os adventistas saibam disso, para não serem embalados numa falsa segurança carnal. Escreve a irmã White:

"Jesus virá, e achará Êle um povo conformado com o mundo? E reconhecerá Êle a êste como Seu povo que Êle para Si purificou? Oh, não! Ninguém a

não ser os puros e santos serão por Êle reconhecidos como Seus". 1T:133.

h — O Divórcio e Novo Casamento

De há muito a "classe numerosa", por preceito e exemplo, vinha permitindo o divórcio e novo casamento, mas as suas últimas decisões, incorporadas no novo "Manual da Igreja", são das mais rejeitáveis: Analisemos apenas dois exemplos:

(1) Na "Revista Adventista" de outubro de 47, pág. 32, declaram que "são passíveis de exclusão da igreja todos os desquitados que se casarem por procuração em país estrangeiro, ou mesmo os que forem se casar fora do país, para voltarem a residir em território nacional".

Se um adventista do sétimo dia, brasileiro, residente no Brasil, depois de desquitado por causa de violação do voto conjugal, cruza a divisa do Brasil e, num país vizinho, casa novamente, pode continuar como membro da igreja desde que fixe residência além das fronteiras dêste país, mas, se volta a residir "no território nacional", é "passível de exclusão da igreja". Isso é incoerente. Será que as condições da salvação variam em função das fronteiras?

(2) No "Manual da Igreja", nova edição, de 1958, pág. 242, parágrafo 5, a "classe numerosa" declara:

"O cônjuge culpado, que se tenha divorciado, não tem o direito moral de casar-se com outra pessoa enquanto o cônjuge inocente ainda vive e permanece sem casar-se e casto".

Segundo essa lei, tanto o inocente como o culpado têm direito a novo casamento, com a diferença de que o inocente tem prioridade nesse passo. Onde, na Bíblia, foram buscar essa arbitrariedade? Será que não leram o que Paulo disse nas suas epístolas e Jesus nos evangelhos? (I Co 7:39; Rm 7:3; Mt 19:5, 6).

i — Outras Incoerências

14. Tanto a Bíblia como o Espírito de Profecia condenam as acusações, a narração de erros individuais, os ataques pessoais, etc.

"Devemos pôr de lado as questões pessoais — diz a profetisa — por mais tentados que sejamos a tirar vantagem de palavras ou ações". TM:249.

"O hábito de criticar as faltas de outros deve ser reprovado como obra do diabo". 2TSM:252.

Com o que se tem preocupado a "classe numerosa" desde 1914, no que diz respeito aos "ex-irmãos"? Com os erros ou supostos erros de pessoas da Reforma. Ainda bem que declaram que Fulano, Beltrano e Sicrano, tendo feito isto e aquilo, foram expulsos da igreja. Deviam também esclarecer, com auxílio do Espírito de Profecia, que, assim fazendo, "a igreja está limpa diante de Deus". (3TSM:202).

A "classe numerosa", faz, pois, duas coisas:

(1) Mostra, sem o dizer expressamente, que a Reforma é uma igreja "limpa diante de Deus", ou, pelo menos, dá-lhe a oportunidade de expor essa sua condição aprovada pelo Céu;

(2) Desvirtua e mancha seu próprio órgão oficial com o relato de erros ou supostos erros pessoais.

Temos, sim, não só o direito, mas também o dever de desmascarar os erros religiosos, erros denominacionais, como fazemos em relação ao catolicismo, ao protestantismo, ao espiritismo, etc., mas não temos o direito de apontar para erros ou supostos erros pessoais.

Se uma igreja desrespeita essa regra, temos nesse fato um sinal de sua apostasia. Diz a irmã White:

"Ao verem os homens que não podem sustentar sua atitude pelas Escrituras, decidir-se-ão muitos a mantê-la a todo transe, e, com espírito malévolo, atacam o caráter e intuitos dos que permanecem na

defesa da verdade impopular. É o mesmo expediente que tem sido adotado em todos os tempos". C:458.

Assim faz a "classe numerosa". Eis, pois, outra razão por que não volto para ela.

Observo, através da literatura antireformista da "classe numerosa", bem como através das palestras, que as armas que ela usa para combater os "ex-irmãos", são as mesmas empregadas pelos fariseus contra Cristo e Seus discípulos, pelos católicos contra os protestantes, e pelos protestantes contra os adventistas: a crítica, a acusação, a calúnia, casos pessoais, etc.

"Quão ansiosamente procuravam os fariseus demonstrar que Cristo era um enganador! Como Lhe observavam cada palavra, buscando apresentar e interpretar mal tudo quanto Êle dizia! O orgulho e o preconceito e a paixão cerravam tôda entrada da alma contra o testemunho do Filho de Deus. Quando Êle repreendia positivamente sua iniqüidade e declarava que suas obras provavam que êles eram filhos de Satanás, êles devolviam iradamente a acusação dizendo: 'Não dizemos nós bem que és samaritano e que tens demônio?'" MS:4, 1883.

*(Continua)*

———//———

## SETENTA ANOS DEPOIS — II

*D. Nicolici*

*Nova Maneira de Encarar o Adventismo do Sétimo Dia*

Foi êsse o título de um artigo escrito pelo sr. Donald Grey Barnhouse, redator da *Eternity Magazine*. Nesse artigo êle relata os resultados de entrevistas e conferências entre dirigentes adventistas do sétimo dia e alguns dos altos mentores nos círculos protestantes fundamentalistas.

Para que o leitor dessa exposição tenha clara compreensão do que realmente se deu e de como se chegou a mútuo acôrdo, citamos algumas passagens da *Eternity Magazine* de 6 de setembro de 1956:

"Nos dois anos passados, diversos líderes evangélicos chegaram a tomar nova atitude para com a Igreja Adventista do Sétimo Dia. A mudança é notável de vez que consiste em mover os adventistas do sétimo dia, na nossa opinião, da lista dos cultos anti-cristãos e não cristãos para o grupo dos que são irmãos em Cristo;... Os adventistas que lêem isto devem considerar que os compêndios evangélicos têm sido condicionados ao pensamento de que os adventistas devem ser classificados como não cristãos. O presente artigo explicará as razões por que isto não deve ser mais assim.

"Há pouco menos de dois anos, decidiu-se que o sr. Martin empreendesse uma pesquisa em relação ao adventismo do sétimo dia. Entramos em contato com os adventistas, dizendo que desejávamos tratá-los gentilmente e apreciaríamos a oportunidade de uma entrevista com alguns de seus líderes. A resposta foi imediata e entusiasta.

"O sr. Martin foi a Takoma Park, Washington, D. C., sede do movimento adventistas do sétimo dia. A princípio os dois grupos se entreolhavam com grande suspeita. O sr. Martin havia lido vasta quantidade de literatura adventista e lhes apresentou uma série de aproximadamente quarenta perguntas com respeito à posição teológica dêles. Quando de sua segunda visita, apresentaram-lhe vintenas de páginas com minuciosas respostas teológicas às suas perguntas. Notou-se ime-

diatamente que os adventistas negam decididamente certas posições que anteriormente lhes eram atribuídas. Ao ler as respostas dêles, o sr. Martin deparou, por exemplo, com uma declaração de que êles repudiavam absolutamente o pensamento de que a guarda do Sábado do sétimo dia era base para salvação, e com uma negação de qualquer ensinamento de que a guarda do primeiro dia da semana é ainda considerada como sendo o recebimento do anti-cristão 'sinal da bêsta'. Indicou-lhes que na livraria dêles, contígua ao edifício em que se realizavam essas reuniões, certo volume por êles publicado, que fôra escrito por um de seus ministros, categòricamente declarava o contrário daquilo que agora afirmavam. Os líderes mandaram buscar o livro, descobriram que o sr. Martin estava certo, e imediatamente levaram o fato ao conhecimento dos oficiais da Conferência Geral, para que a situação fôsse remediada e tais publicações corrigidas. Repetiu-se êsse mesmo processo no respeitante à natureza de Cristo enquanto na carne, e que a maioria da denominação sempre sustentou ser sem pecado, santa e perfeita, não obstante o fato de alguns de seus escritores haverem ocasionalmente publicado opiniões em contrário, inteiramente repulsivas à igreja em geral. Explicaram, além disso, ao sr. Martin que, entre os seus números, êles tinham certos membros de sua 'ala lunática', semelhantes aos indivíduos extravagantes e irresponsáveis que se encontram em todos os campos do cristianismo fundamental. Êsse ato dos adventistas do sétimo dia indicava providências similares, tomadas subseqüentemente."

Ao considerarmos as supracitadas declarações, não será difícil, para um verdadeiro adventista, ver a razão por que êsses líderes representativos protestantes tomaram para com os adventistas "nova consideração".

1 — A atitude adventista para com a observância do Sábado foi ventilada em primeiro lugar, e os líderes adventistas enèrgicamente rejeitaram o pensamento de que a guarda do sábado é base de salvação, e de que a guarda do primeiro dia da semana ainda é considerada como sendo o recebimento do anti-cristão "sinal da bêsta".

2 — Por haver o sr. Martin encontrado, em certa publicação adventista, prova em desacôrdo com essa posição, ordenaram os líderes que tal publicação fôsse imediatamente submetida a correção.

3 —Havia outros pontos em que os dirigentes adventistas estavam ansiosos por provar ao grupo protestante que estavam em perfeita união com a Igreja Cristã em geral, inclusive sua crença acêrca da natureza de Cristo.

4 — A fim de convencerem o sr. Martin da sinceridade do desejo que tinham de alcançar a união com outras denominações, êsses mentores adventistas estavam preparados para irem ao ponto de censurar seus próprios irmãos no ministério, passado ou presente, que discordassem de sua atual atitude, tachando-os de "ala lunática" ou de "estouvados irresponsáveis".

Por mais de cem anos as igrejas protestantes se têm oposto tenazmente à demanda adventista de a guarda do Sábado ser necessária à salvação e de constituir, atualmente, um sinal de lealdade ou deslealdade a Deus. Que impressão terão recebido o sr. Martin e seus associados ao encontrarem os irmãos tão ansiosos por repudiarem o pensamento de que a "guarda do sábado é base para a salvação"? Embora se pudesse tècnicamente provar como verdade que a guarda do Sábado não é, em si mesma, base de salvação, perguntamos se tal ênfase nesta questão tenderia a engrandecer a lei de Deus aos olhos dêstes homens, levando-os a sentir a obrigatoriedade do Sábado, ou os levaria à concluir que os adventistas do sétimo dia, de certo modo, mudaram de opinião e não são tão dogmáticos em enfatizarem a obrigatoriedade do Sábado?

De *Questions on Doctrine*, pág. 83, citamos, a propósito dêsse mesmo assunto:

"Ensinam os adventistas do sétimo dia, em sua literatura autorizada, que os que realizam culto no domingo e totalmente rejeitam a doutrina adventista do sétimo dia têm, por conseguinte, a marca da apostasia, ou o 'sinal da bêsta'? Não ensina a Sra. White que os que agora guardam o domingo já têm o sinal da bêsta?"

A genuína resposta a essa pergunta declararia que os que guardam o domingo e totalmente rejeitam a doutrina adventista do sétimo dia estão positivamente no grupo apostatado formado por todos os que atualmente adoram a bêsta e, a menos que se arrependam, estarão em pé de igualdade com os que recebem o "sinal da bêsta".

A resposta dada a essa pergunta em *Questions on Doctrine*, é verdadeira mas não adequada. O problema mesmo é evitado, numa tentativa de agradar a dois senhores. Por um lado, faz-se esfôrço para dar a impressão de lealdade à mensagem adventista e por outro lado se utiliza, ao mesmo tempo, um processo de raciocínio filosófico, para dar aos guardadores do domingo a esperança de que ainda podem ser aceitos por Deus, mesmo que abertamente rejeitem o Sábado. Note-se a seguinte declaração, nas páginas 184 e 192:

"Mantemos a firme convicção de que milhões de cristãos devotos, em todos os séculos passados, bem como os que hoje sinceramente confiam em Cristo, seu Salvador, para a salvação, e O seguem em conformidade com a melhor luz que possuem, são inquestionàvelmente salvos... Cremos que os filhos de Deus ainda se encontram, em sua maior parte, dispersos desta maneira pelo mundo. E indubitàvelmente a maioria dos que estão nas igrejas cristãs ainda observam conscienciosamente o domingo. Nós mesmos não podemos fazê-lo, pois cremos que Deus pede uma reforma nesta questão. Respeitamos, contudo, e amamos os que, dentre os nossos companheiros cristãos, não interpretam a Palavra de Deus exatamente como nós."

Deve-se observar que a pergunta feita pelo sr. Martin não foi acêrca dos que não tinham ouvido ou rejeitado a verdade do Sábado, mas dos que tinham repudiado inteiramente seus reclamos e consideravam errôneo todo o ensino dela. Naturalmente o sr. Martin e os mentores protestantes, seus colegas, seriam considerados como estando em primeiro lugar nesta última categoria, mas a resposta oculta a verdadeira atitude do adventismo em face dos que conscienciosa e deliberadamente se opõem à terceira mensagem angélica, e apenas abrange uma parte não incluída na pergunta. Êsse tipo de teologia especulativa, que dá falsa impressão, é tanto um engano como uma mentira deliberada. Abraão, quando no Egito, foi pôsto, certa vez, diante de severa prova, em que sucumbiu à tentação de especular com a verdade. Fêz-lhe Faraó uma pergunta direta: "É esta mulher tua espôsa?" Sua resposta foi: "É minha irmã". Em têrmos de teologia moderna se poderia provar ser essa resposta tècnicamente correta. Todavia, "Ocultando o fato de que Sara era sua espôsa, traiu êle uma falta de confiança no cuidado divino, falta daquela fé e coragem sublime tão freqüente e nobremente exemplificada em sua vida... Mas esta ocultação da verdadeira relação entre êles, era engano." PP:124.

"Tudo quanto os cristãos fazem deve ser tão transparente como a luz do Sol. A verdade é de Deus; o engano, em tôdas as suas múltiplas formas, é de Satanás; e quem quer que, de alguma maneira, se desvie da reta linha da verdade, está-se entregando ao poder do maligno". MDC:63.

Para se ter uma idéia da impressão que nas mentes dos líderes protestantes deixou essa conferência com os adventistas, citamos, do sr. Barnhouse:

*"A posição dos adventistas nos parece, a alguns de nós, em certos casos, ser uma posição nova; a êles poderá esta parecer simplesmente a posição do grupo da maioria da sã direção que está determinada a aplicar freios a quai quer membros que procurem manter pontos de vista divergentes dos da direção responsável, da denominação". Eternity,* setembro, 1956.

Na página 121 de *Questions on Doctrine* se apresenta mais uma pergunta direta acerca da atitude adventista quanto à lei de Deus. "'Muitos cristãos têm tido a impressão de que os adventistas do sétimo dia são legalistas — que ensinam ser necessário guardar a lei a fim de ser salvo. Qual é, exatamente, a atitude adventista em face da lei?". Essa pergunta exige uma resposta clara e positiva, que, certamente, não se encontra nas páginas seguintes. Aparecem aí várias declarações do Espírito de Profecia, um excerto do livro *Fundamental Beliefs of Seventh-Day Adventists,* e um bom número de citações de palavras de vários líderes protestantes do passado e do presente, que reconhecem os compromissivos reclamos dos dez mandamentos. Entretanto, muitos dêsses líderes são inimigos declarados do quarto mandamento. No entanto, após a leitura de tôdas essas páginas, o inquiridor ainda é deixado na incerteza quanto ao que realmente creêm os adventistas do sétimo dia. Parece que com tôdas as centenas de horas que dispendeu em companhia dos teólogos adventistas, o sr. Martin e seus cooperadores não obtiveram resposta definida a essa pergunta. A praxe da denominação se tem inclinado ao preparo do caminho para essa "nova consideração para com o adventismo". A maioria dos leitores bem se lembrarão da publicidade dada aos adventistas do sétimo dia, há vários anos, no *Look Magazine,* quando o ancião Maxwell expressou o que se destinava a servir de resposta a uma série de perguntas sôbre doutrina.

Uma dessas perguntas foi acêrca dêste mesmo ponto de que temos estado a tratar, a lei de Deus. "Ensinam os adventistas que se deve obedecer aos Dez Mandamentos para ser salvo?" A resposta dada foi definida: "Não!". E, após negação categórica dessa acusação popular, pôs-se a explicar que a guarda dos mandamentos é o resultado da salvação, "questão de amor e não de dever legal".

Bem poderíamos perguntar: Que resposta daria Jesus se estivesse no lugar dos nossos teólogos adventistas do sétimo dia e lhe fizessem essa pergunta? Daria, por certo, a mesma resposta que deu há quase 2.000 anos:

"Se queres... entrar na vida, guarda os mandamentos". Mt 19:17.

———//———

## O POVO DE DEUS ATRAVÉS DA HISTÓRIA

Seguindo retrocessivamente o rasto do povo de Deus até aos dias da fundação da Igreja Cristã, encontramos a seita dos nazarenos (At 24:5).

"Os nazarenos provêm das primeiras gerações da igreja de Jerusalém", diz o Dr. Ritschel, em sua obra *Entstehung der Altkatholischen Kirche,* pg. 152.

O Dr. Gieseler dá, a propósito, a seguinte informação:

"Enquanto os judeus-cristãos da Palestina guardavam tôda a lei mosaica, inclusive os dias de festa judaicos, os gentios-cristãos também observavam os sábados e a festa da Páscoa, com relação aos últimos eventos sobrevindos a Jesus, porém sem superstição judaica...

"Não obstante, os diferentes partidos

de judeus-cristãos perduraram até além do século IV. Os nazarenos, que se achavam em Pela, Decápolis, e em Bereia, Síria, não eram, até então, considerados como hereges, mas, sim, como cristãos fracos, por causa de sua observância da lei mosaica. Todavia, a conexão entre êles e os gentios-cristãos se tornou cada vez mais frouxa, o conhecimento de suas concepções doutrinárias cada vez mais imperfeito, e, ao mesmo tempo, de vez que não acompanhavam o progressivo desenvolvimento dogmático da Igreja Católica, a diferença real entre ambas as partes se tornou mais acentuada, até que, finalmente, Epifânio os incluiu também a êles no seu registro de hereges". — Dr. Gieseler, *Kirchengeschichte,* Tomo I, pgs. 109 e 147, 148.

Guericke informa o seguinte:

"Os nazarenos, cujo nome (originàriamente, conforme Atos 24:5, designativo denominacional de todos os cristãos dentre os judeus) foi pela primeira vez empregado, neste sentido, por Jerônimo, não advogavam a necessidade de observância da lei cerimonial judaica pelos gentios-cristãos, reconheciam Paulo como ensinador da sabedoria divina aos gentios, e não se desviavam da doutrina geral da igreja em nenhum ponto substancial". — Guericke, *Handbuch der Kirchengeschichte,* pg. 127.

Por volta do ano 600 o papa Gregório I enviou uma epístola com o seguinte teor aos cidadãos de Roma:

"Gregório, servo dos servos de Deus, aos seus filhos amados, os cidadãos de Roma. Ouvi dizer que algumas pessoas mal intencionadas espalharam entre vós doutrinas falsas e contrárias à fé, e que as mesmas pessoas proíbem todo trabalho no sábado. Que outro nome poderei dar a essas pessoas senão o de pregadores do anticristo?" — *Gregor der Grosse, Kempt. Ausg.* II, pg. 657.

Êsses sabatistas eram provàvelmente sucessores da seita dos nazarenos, primitiva Igreja Cristã.

No século IX, apareceram na Bulgária cristãos que começaram a instruir o povo relativamente à observância do sábado, em conseqüência do que o governador Bogoris se dirigiu ao papa Nicolau I, pedindo-lhe esclarecimentos sôbre essa questão, bem como sôbre outros pontos. (Neander, *Kirchengeschichte* IV, 54; Hefele IV, 346-353; Mansi IX, 406).

A 16 de julho le 1054, o cardeal Humberto e outros dois delegados papais entregaram ao patriarca Miguel Cerulário a bula do papa Leão IX, em que êste acusava aquêle como segue:

"Visto como vós observais o sábado com os judeus e o domingo conosco, parece que, nesta observância, estais a imitar a seita dos nazarenos, que desta maneira aceitam o Cristianismo, ao passo que não querem abandonar o judaísmo". — Migne, CXXXV, 936; Photius III, 746.

Havia, pois, cristãos guardadores do sábado no Oriente, no século XI.

Também havia "sabatistas... no século XII, na Lombardia", Itália do Norte *(Strong's Cyclopedia,* Tomo I, pg. 660)

Pelos documentos históricos sabemos que os sucessores dos nazarenos se achavam espalhados em muitos lugares e recebiam diferentes nomes: sabatistas, subotniqui, abstinentes, passagini, abraamitas, israelitas, circuncisos, judaizantes, etc.

Em 1192 o rei Afonso da Aragonia promulgou o seguinte decreto contra as igrejas cristãs que êle considerava heréticas.

"Se, pois, alguém, dêste dia em diante, ousar receber em sua casa os valdenses, os sabatários ou outros hereges, qualquer que seja a sua confissão, ou se ouvir algures as suas pregações corruptoras, ou se lhes der alimento ou proporcionar algum outro benefício, saiba o tal que com isso atraíu para si o desagrado de Deus e o nosso, e que depois de confiscados os seus bens sem possibilidade de apelação, será êle imediatamente punido por crime de lesa-majestade". — *Bible Max.* XXV; Hahn,

*Geschichte der Ketzer* II, 703, 704.

Muitos dos valdenses eram guardadores do Sábado bíblico.

Um decreto do papa Gregório IX, promulgado em 1236, começa assim:

"Excomungamos e amaldiçoamos todos os hereges: os cátaros, os patarenos, os pobres de Lião (valdenses), os passageiros, os josefitas, os arnaldistas, os esperonistas, e todos os outros, quaisquer que sejam os seus nomes; seus rostos são diferentes, mas as suas caudas são tôdas atadas em um único nó". — Mansi XXIII, 73; *Geschichte der Ketzer* I, 502.

Um decreto promulgado pelo rei Frederico, em 1243, reza assim:

"Condenamos para vergonha eterna os cátaros, patarenos, esperonistas, lionistas, arnaldistas, circuncisos, passageiros, josefitas, garatenses, albanenses, franciscquenses, bagnarolos, comistas, valdenses", etc. — Mansi XXIII, 510; *Geschichte der Ketzer* I, 509.

Os sabatários, os passageiros, os circuncisos, e muitos dentre os valdenses, eram guardadores do Sábado bíblico. Seus continuadores são mencionados no século XVI sob o nome de sabatistas, abraamitas, israelitas, etc., não devendo confundir-se êstes últimos, cristãos, com os judeus que não reconhecem Cristo.

Descrevendo Ross as igrejas do século XVI, diz:

"Os sabatários, ou sabatistas, são assim chamados, porque rejeitam a observância do dia do Senhor (domingo), como não exigida na Escritura, e santificam só o Sábado". — *Abbildungen der Religionen,* 440.

Êsses cristãos estavam espalhados em muitas partes da Europa, e entre êles se achavam homens de elevada posição, como o príncipe de Liechtenstein.

O furor da perseguição foi impotente para exterminá-los.

No século XVII, a maior parte dos sabatistas da Europa se encontravam na Moldávia (Romênia), Hungria e Boêmia. Havia-os também na Noruega, Suécia e Finlândia. Em tôdas as partes, porém, sofreram acirrada oposição.

Na Inglaterra, o reformador Richard Baxter (1615-1691) escreveu contra êles:

"E visto como alguns sabatistas entre nós guardam sòmente o sábado, e ainda estão a pedir provas escriturísticas para a instituição do dia do Senhor (domingo), vou dizer, em poucas palavras, o suficiente para convencê-los do seu êrro". — Baxter, *Lives of Faith,* II, 7.

Da Inglaterra, onde êsses cristãos eram igualmente conhecidos sob o nome de *batistas do sétimo dia,* passaram êles para os Estados Unidos, onde, em 1844, surgiu entre êles, na qualidade de seus sucessores, na cidade de Washington, New Hampshire, a primeira Igreja Adventista do Sétimo Dia, para cuja formação também contribuíram os protestantes.

Na história da Igreja Cristã nunca houve um tempo em que o santo Sábado não fôsse, aqui e acolá, guardado por verdadeiros seguidores de Cristo, como acabamos de ver por essa ligeira descrição introdutória. Além dêsses, levantaram-se, século após século, inúmeros outros cristãos sinceros, muitos dos quais eram igualmente guardadores do quarto mandamento, e que, embora não estivessem, de modo geral, isentos de erros e heresias, viviam à altura da luz que possuíam e se esforçaram para operar uma reforma na Igreja. Êsses receberam diversos nomes, como veremos em seguida.

*Montanistas*

Montano, sacerdote de Cibeles, começou, na segunda metade do século II, a pregar a necessidade de uma reforma na Igreja. Seus seguidores, chamados *montanistas,* adotavam uma moral austera, praticavam um ascetismo rigoroso, condenavam as segundas núpcias, advogavam o celibato, insistiam em excluir da Igreja o mundanismo e em excomungar os que se haviam tornado culpados de crimes, louvavam exageradamente os que se tornavam mártires; diziam ser ilícito fugir ao martírio sob a perseguição, criam na ins-

piração divina e profética de Montano, criam no derramamento do Espírito Santo no dia de Pentecostes, etc., (e consta que muitos se entregaram, depois, a "uma extranha e fanática emissão de sons" ininteligíveis, e pregavam também a breve vinda de Jesus Cristo. O fato de que Tertuliano, dirigente da Igreja na África do Norte, abraçou o montanismo, mostra o sucesso do mesmo.

*Paulícios*

Paulo de Samosata, bispo de Antióquia, iniciou, no século III, importante reforma religiosa. Os cristãos que lhe compartilhavam o ponto de vista, eram chamados *paulícios* ou *monarquianos ebionitas.*

"Os paulícios", diz a *Encyclopædia Britannica,* eram "uma igreja cristã evangélica que se estendeu pela Ásia Menor e pela Armênia a partir do século V". — Art. "Paulícios".

No século VII, Constantino, um dos principais paulícios, de Mananali, Síria, andou por vários lugares pregando o Evangelho e censurando os ensinos e as práticas objetáveis de Roma. Foi feito prisioneiro, juntamente com alguns dos seus companheiros, e morreu martirizado. Simão, o oficial que cumpriu a ordem de prisão e mandou apedrejar Constantino, converteu-se depois e tornou-se sucessor do mártir.

Os paulícios e suas doutrinas se espalharam ràpidamente por muitas partes.

Concluem os historiadores que pelo menos alguns dos paulícios, fugindo à perseguição, foram, no século VIII ou IX, buscar abrigo nos vales e entre os montes da Itália e da França, entrando aí, depois, em contacto com os remanescentes fiéis, refugiados, das igrejas do Piemonte.

Nos séculos IX e X êsse movimento se estendeu na Bulgária e se fortaleceu muito na Armênia.

Os cruzados, encontrados em profusão na Síria e Palestina, lhes chamaram *publicanos* ou *saduceus.*

Em 1828 uma colônia de paulícios se estabeleceu na Armênia russa.

Consideravam-se os paulícios a verdadeira Igreja Católica e assim se chamavam.

*Novacianos*

Novaciano, sacerdote em Roma, protestou contra a eleição de Cornélio como bispo de Roma, em 251, por causa de sua frouxidão em matéria de disciplina, e, pois, foi êle mesmo consagrado bispo pela minoria que partilhava seus pontos de vista. Êle e seus seguidores foram excomungados pelo sínodo realizado em Roma, em outubro do mesmo ano. Diz o historiador Sócrates que êle sofreu martírio sob o imperador Valeriano.

Seus seguidores, que mais tarde se estabeleceram no Piemonte, "negavam a validade do batismo católico e consideravam-se a verdadeira igreja. Assumiam o nome de *cathari* (puros), em virtude da severidade de sua disciplina. Em outros sentidos, pouco diferiam dos católicos; e foram geralmente readmitidos à comunhão em condições comparativamente favoráveis. Essa seita continuou até o século VI". — *The Century Dictionary and Cyclopedia,* Vol. X, Art. "Novatians".

Os sucessores dos novacianos se encontravam nas igrejas do Piemonte.

"Durante séculos as igrejas do Piemonte (na Itália setentrional, junto aos Alpes), mantiveram-se independentes; mas afinal chegou o tempo em que Roma insistiu em submetê-las. Depois de lutas inúteis contra sua tirania, os dirigentes destas igrejas reconheceram relutantemente a supremacia do poder a que o mundo todo parecia render homenagem. Alguns houve, entretanto, que se recusaram a ceder à autoridade do papa ou do prelado. Estavam decididos a manter sua fidelidade a Deus, e preservar a pureza e simplicidade de fé. Houve separação. Os que se apegaram à antiga fé, retiraram-se; alguns, abandonando os Alpes nativos, alçaram a bandeira da Verdade em terras estrangeiras; outros se retraíram para os vales afastados e fortalezas das

montanhas, e ali preservaram a liberdade de culto a Deus". — E. G. White, O Conflito dos Séculos, pgs. 64, 65.

Os que se apegaram à antiga fé, têm como sucessores fiéis os valdenses, desde princípios do século XII.

Os cristãos do Piemonte e, mais tarde, os valdenses mantinham relações com cristãos do oriente, guardadores do Sábado.

*Donatistas*

Dirigidos por Donato o Grande, na África do Norte, os donatistas, adotando as idéias dos novacianos e dos rebatizantes, queriam separar da Igreja os pecadores públicos. Como foram combatidos pelos dirigentes eclesiásticos, os donatistas se separaram da Igreja de Roma e nomearam bispos próprios. "Tamanha foi a sua propagação que, no ano 330, um sínodo que se celebrou contou com a presença de 270 bispos donatistas", diz A. Boulenger, em sua *Historia de la Iglesia.*

O cisma donatista perdurou vigoroso durante mais de cem anos. No século V, graças à opressão por um lado e à conduta conciliatória do clero por outro lado, muitos dos donatistas retornaram ao seio da igreja romana.

"O partido donatista considerava-se como sendo êle a igreja inteira, única e verdadeira, e reputava inválidos os batismos e ordenações do clero ortodoxo, porque êste estava em comunhão com os traditores. Por isso, rebatizavam e reordenavam os conversos que vinham do catolicismo" — *The Century Dictionary and Cyclopedia,* vol. X, Art. "Donatists".

Os traditores eram aquêles que, durante as perseguições sofridas pela igreja, especialmente sob Diocleciano (245-313), entregavam aos seus perseguidores pagãos os livros sacros, acovardando-se, assim, diante do suplício e da morte.

"Proscritos pelos poderes civis e eclesiásticos do Império, os donatistas mantinham, ainda, em algumas províncias, particularmente na Numídia, sua superioridade numérica; e quatrocentos bispos reconheciam a jurisdição do seu primado — *Gibbon's Decline and Fall of the Roman Empire,* vol. II, 264.

"Foram adotadas as mais severas medidas penais contra os cismáticos (donatistas); em 414 foram-lhe negados todos os direitos civis, em 415, as reuniões lhes foram proibidas sob pena de morte. Subsistiram, porém; e sofreram com os seus irmãos ortodoxos na invasão vândala do século V e, como êles, desapareceram finalmente dois séculos mais tarde, diante da investida dos sarracenos". — *Encyclopædia Britannica,* Art. "Donatists".

*Celtas*

Na primeira metade do século V o Evangelho começou a ser pregado por S. Patrício na Irlanda, e, em meados do século VI, na Escócia, por S. Columba, "que fundou numa das ilhas Hébridas o célebre mosteiro de Iona". Surgiu entre êsses cristãos a ordem monástica dos culdeus, guardadores do Sábado. "Êles respeitavam o sétimo dia como Sábado, no qual repousavam de todo o trabalho, e, no domingo, como dia do Senhor, celebravam a ressurreição mediante um culto na igreja", diz Adamnan, em sua obra *Life of St. Columba,* pg. 96.

"Os escritores protestantes e especialmente os presbiterianos têm por muito tempo imaginado que êles (os culdeus) preservaram o cristianismo primitivo livre das corrupções de Roma num canto remoto da Europa ocidental..." — *Encyclopædia Britannica,* Art. "Culdeus".

Os cristãos primitivos da Irlanda e Escócia formavam a Igreja Celta.

"Êles trabalhavam no domingo, mas guardavam o sétimo dia como Sábado", diz Andrew Lang, em seu livro *Lives of the Saints,* "S. Columba".

"No século XII a Igreja Celta foi completamente transformada segundo o padrão romano". — *Encyclopædia Britannica, Art.* "Culdeus". Cederam à opressão da Igreja de Roma.

*Nestorianos*

Na primeira metade do século V, Nestório, bispo de Constantinopla, ensinava que "em Jesus Cristo havia duas pessoas: uma divina e outra humana, e que a virgem Maria, a qual só havia sido mãe da pessoa humana, não podia ser chamada 'mãe de Deus' ". — A. Boulenger, *Historia de la Iglesia,* pg. 155.

Tendo sido condenado por Celestino I, no sínodo celebrado em Roma, em 430, como também, um ano depois, pelo concílio de Éfeso, trasladou-se com os seus adeptos para a Pérsia, "onde propagaram suas doutrinas e ainda perduram sob o nome de *seita cismática dos caldeus*". — Idem. Chamam-se também *cristãos de S. Tomás.* Estenderam-se pela India e pela China.

G. C. Bohnstedt, no século XVIII, descreveu-os assim:

"Esta é uma das igrejas mais antigas do mundo, a qual, com grande simplicidade, sinceridade e conduta conveniente aos cristãos, se harmoniza de tal maneira com os protestantes, na maioria das máximas doutrinárias, que o escritor romano Gouvea, principal autoridade nesta matéria, concluiu dêsse fato (se bem que equivocadamente) que os protestantes devem ter bebido sua heresia dos cristãos de S. Tomás". — La Crosse, *Abbildung des Indischen Christenstaates.*

Os nestorianos recusam reconhecer a autoridade do papa de Roma, condenam o uso de imagens ou quadros religiosos na igreja, não comem carne de porco e guardam o Sábado (L. R. Conradi, *Die Geschichte des Sabbats).*

"O Sábado é, entre êles, um dia de guarda semanal, como o domingo. Não adotam a confissão auricular; nada sabem do purgatório. Aos seus sacerdotes é permitido o casamento". — *Herzog — Hauck,* Vol. XIII, Art. "Nestorianos".

*(Continua no próximo número).*

———//———

## VINHO NOVO EM NOVOS ODRES

*E. G. White*

Os fariseus procuravam exaltar-se pela rigorosa observância de formas, ao passo que tinham o coração cheio de inveja e contenda. "Eis", diz a Escritura, "que para contendas e debates jejuais, e para dardes punhadas ìmpiamente; não jejueis como hoje, para fazer ouvir a vossa voz no alto. Seria êste o jejum que Eu escolheria: que o homem um dia aflija a sua alma, que incline a sua cabeça como o junco, e estenda debaixo de si saco e cinza? chamarias tu a isto jejum e dia aprazível ao Senhor?".

O verdadeiro jejum não é um serviço meramente formal. A Escritura descreve o jejum preferido por Deus: "que soltes as ligaduras da impiedade, que desfaças as ataduras do jugo... que deixes livres os quebrantados (ou oprimidos) e despedaces todo o jugo...;" "abrires a tua alma ao faminto, e fartares a alma aflita". Aí se expõe o próprio espírito e caráter da obra de Cristo. Tôda a Sua vida foi um sacrifício pela salvação do mundo. Quer jejuando no deserto da tentação, quer comendo com os publicanos no banquete de Mateus, estava dando a vida pela redenção dos perdidos. Não em ociosas lamentações, em simples humilhação do corpo e multidão de sacrifícios, jaz o verdadeiro espírito de devoção, mas revela-se na entrega do próprio eu em voluntário serviço para Deus e o homem.

Continuando Sua resposta aos discípulos de João, Jesus disse uma parábola:

"Ninguém tira um pedaço de um vestido novo para o coser em vestido velho, pois que romperá o novo e o remendo não condiz com o velho". A mensagem do Batista não devia ser entremeada com a tradição e a superstição. Uma tentativa de misturar as pretensões dos fariseus com a devoção de João, só tornaria mais evidente a rotura em ambas.

Nem podiam os princípios do ensino de Cristo ser unidos com as formas do farisaísmo. Cristo não cobriria a rotura feita pelos ensinos de João. Tornaria mais distinta a separação entre o velho e o novo. Jesus ilustrou posteriormente êste fato, dizendo: "Ninguém deita vinho novo em odres velhos: doutra sorte o vinho novo romperá os odres e entornar-se-á o vinho, e os odres se estragarão". Os odres de couro usados como vasos para guardar o vinho novo, ficavam depois de algum tempo secos e quebradiços, fazendo-se então imprestáveis para tornar a servir ao mesmo fim. Por meio dessa ilustração familiar, Jesus apresentou a condição dos guias judaicos. Sacerdotes, escribas e principais se haviam fixado numa rotina de cerimônias e tradições. Contraíra-se-lhes o coração como os odres de couro a que Êle os comparara. Ao passo que se satisfaziam com uma religião legal, era-lhes impossível tornar-se depositários das vivas verdades do Céu. Julgavam a própria justiça tôda suficiente, e não desejavam que um novo elemento fôsse introduzido em sua religião. Não aceitavam a boa vontade de Deus para com os homens como qualquer coisa à parte dêles próprios. Relacionavam-na com méritos que possuíam por causa de suas boas obras. A fé que opera por amor e purifica a alma, não podia encontrar união com a religião dos fariseus, feita de cerimônias e injunções de homens. O esfôrço de ligar os ensinos de Jesus com a religião estabelecida, seria em vão. A verdade vital de Deus, qual vinho em fermentação, estragaria os velhos, apodrecidos odres das tradições farisaicas.

Os fariseus julgavam-se demasiado sábios para necessitar instruções, demasiado justos para precisar salvação, muito altamente honrados para carecer da honra que de Cristo vem. O Salvador dêles Se desviou em busca de outros que recebessem a mensagem do Céu. Nos ignorantes pescadores, no publicano na alfândega, na mulher de Samaria, no povo comum que O escutava de boa vontade, encontrou Êle Seus novos odres para o vinho novo. Os instrumentos a serem usados na obra evangélica, são as almas que recebem com alegria a luz a elas enviada por Deus. São êsses Seus instrumentos para a comunicação do conhecimento da verdade ao mundo. Se, mediante a graça de Cristo, Seu povo se torna odres novos, Êle os encherá de vinho novo.

O ensino de Cristo, conquanto representado pelo vinho novo, não era uma nova doutrina, mas a revelação daquilo que fôra ensinado desde o princípio. Mas para os fariseus a verdade perdera sua original significação e beleza. Para êles, os ensinos de Cristo eram, a quase todos os respeitos, novos; e não eram reconhecidos nem confessados.

Jesus mostrou o poder dos falsos ensinos para destruir a capacidade de apreciar e desejar a verdade. "Ninguém", disse Êle, "tendo bebido o velho quer logo o novo, porque diz: Melhor é o velho". Tôda a verdade dada ao mundo por meio de patriarcas e profetas, resplandeceu com nova beleza nas palavras de Cristo. Mas os escribas e fariseus não tinham nenhum desejo quanto ao precioso vinho novo. Enquanto não se esvaziassem das velhas tradições, costumes e práticas, não tinham, na mente e no coração, lugar para os ensinos de Cristo. Apegavam-se às formas mortas, e desviavam-se da verdade viva e do poder de Deus.

Foi isso que se demonstrou a ruína dos judeus, e será a de muitas almas em

nossos próprios dias. Há milhares a cometer o mesmo êrro dos fariseus a quem Cristo reprovou o banquete de Mateus. Em lugar de abandonar certa idéia nutrida, ou rejeitar algum ídolo da opinião, muitos recusam a verdade descida do Pai da luz. Confiam em si mesmos, e dependem da própria sabedoria, e não compreendem sua pobreza espiritual. Insistem em ser salvos por alguma maneira em que realizem alguma obra importante...

Como foi nos dias de Cristo, assim se dá agora; os fariseus não conhecem sua necessidade espiritual. A êles se dirige a mensagem: "Como dizes: Rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta; e não sabes que és um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego e nu; aconselho-te que de Mim compres ouro provado no fogo, para que te enriqueças, e vestidos brancos para que te vistas, e não apareça a vergonha da tua nudez". Fé e amor são o ouro provado no fogo. Mas no caso de muitos se obscureceu o brilho do ouro, e perdeu-se o tesouro precioso. A justiça de Cristo é para êles um vestido sem uso, uma fonte intacta. A êsses é dito: "Tenho, porém, contra ti que deixaste a tua primeira caridade. Lembra-te pois onde caíste, e arrepende-te, e pratica as primeiras obras; quando não, brevemente a ti virei, e tirarei do seu lugar o teu castiçal, se não te arrependeres".

"Os sacrifícios para Deus são o espírito quebrantado; a um coração quebrantado e contrito não desprezarás, ó Deus". O homem se deve esvaziar do próprio eu, antes de ser, no mais amplo sentido, um crente em Jesus. Quando se renuncia ao eu, então o Senhor pode tornar o homem uma nova criatura. Novos odres podem conter o vinho novo. O amor de Cristo há de animar o crente de uma vida nova. Naquele que contempla o autor e consumador de nossa fé, o caráter de Cristo se há de manifestar.

———//———

## A HOSPITALIDADE CRISTÃ

"Não negligencieis a hospitalidade, pois alguns, praticando-a, sem o saber acolheram anjos". Hb 13:2.

Nos tempos antigos, quando havia poucas cidades e as viagens eram longas e árduas, a hospitalidade era uma das virtudes pais praticadas, principalmente entre os cristãos.

Heródoto, o pai da História, conta como naufragou num afastado pôrto e como uma família inteira se privou de alimentos para socorrer a êle.

Um missionário no Pacífico disse, certa vez, que não se queixaria nunca, aos nativos, de uma simples dor de cabeça, pois, se o fizesse, êles se sentariam do lado de fora da sua tenda, durante tôda a noite, ficando em estado de alerta, para qualquer caso de necessidade.

Em 1859 um navio naufragou perto da costa da península do Labrador, no Canada. Enquanto o barco ainda flutuava, aproximaram-se dêle alguns esquimós, cuja aparência feroz encheu de terror os marinheiros com respeito às suas perspectivas de sobrevivência, caso a sorte os fizesse depender da misericórdia daqueles. Logo depois a embarcação foi a pique, e o maior dos seus dois botes, em que os tripulantes se esforçaram para salvar-se, lhe compartilhou o destino, de modo que sobreviveram apenas cinco pessoas, que, depois de muitos dias penosos, chegaram à costa. Alegraram-se muito quando viram um grupo de homens que lhes vinham ao en-

contro, mas a alegria logo os abandonou quando notaram que eram esquimós. Êstes, porém, para surpresa dos náufragos, receberam-nos com tôda a bondade, levaram-nos para as suas cabanas, tiraram-lhes as botas dos pés congelados, e lhes enxugaram e aqueceram os pés e as mãos com peles macias. Uma das mulheres esquimós logo tomou a última porção da sua farinha e preparou um mingau quente. Seu filhinho, para quem ela tinha guardado aquêle resto de farinha, estendeu as mãos com a esperança certa de receber o alimento, mas a mãe o deu, todo êle, aos marinheiros desfalecentes. Os marujos ficaram grandemente admirados ante a diferença que havia entre esquimós e esquimós. Enquanto os primeiros foram extremamente ferozes, os últimos eram muito mansos, bondosos e hospitaleiros. Um dos tripulantes, depois, declarou que havia viajado muito, mas jamais encontrara tanta hospitalidade como nessa ocasião, entre êsses nativos. À noite os marinheiros descobriram o motivo do contraste entre êsses e aquêles, quando de uma das suas tendas, ouviram vozes de louvor em canto e oração a Deus. No dia seguinte, êsses esquimós cristãos conduziram os náufragos ao mais próximo pôsto missionário, onde receberam o cuidado e tratamento necessários.

Há não muitas décadas, ninguém que estivesse numa viatura puxada a cavalo, deixaria de parar a fim de convidar alguém que estivesse a pé. Hoje, pouquíssimos automóveis param para dar uma "carona" a estranhos nas grandes rodovias, principalmente porque muitos dos andarilhos tornaram a hospitalidade pràticamente impossível, mercê da sua conduta que não os recomenda a um recolhimento em casa de família.

Não obstante, estaríamos equivocados se pensássemos que todos os homens são ímprobos até que provem o contrário.

Apesar de que o fluir dos anos operou mudanças nas condições de vida, a hospitalidade é uma virtude que não perdeu seus méritos. A hospitalidade não morreu no século XX; apenas mudou de forma, em grande parte. Ela é menos pessoal e mais institucional. A responsabilidade hospitaleira parece repousar menos sôbre o indíviduo e mais sôbre as corporações que tomam em suas mãos o cuidado dos necessitados. Como quer que seja, a hospitalidade ainda persiste. Se bem que o egoísmo, por vêzes, nos tente a pensar que ela tenha ficado atrás, no passado histórico, as oportunidades para praticá-la apresentam-se-nos cada dia.

Disse certa vez um antigo Príncipe de Gales:

"O número 10 de Downing Street (residência do Primeiro Ministro Inglês) nunca poderá ser um substituto para o bom vizinho; tão pouco poderá sê-lo a casa da Comunidade ou a Agência Social".

O tribunal Divino toma em consideção a hospitalidade que exercemos em favor de Jesus na pessoa dos necessitados.

"Porque tive fome e me destes de comer; tive sêde e me destes de beber, era forasteiro e me hospedastes; estava nu e me vestistes; enfêrmo e me visitastes; prêso e fôstes ver-me... sempre que o fizestes a um dêstes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes". Mt 25:35,36,40.

A hospitalidade não só tem deveres que todos nós, comumente, conhecemos; também tem o que mais terrívelmente desconhecemos: que Cristo Se identifica com os famintos, nus e desabrigados. É Cristo Quem bate à nossa porta quando um necessitado nos pede auxílio.

"Muitos pensam que seria grande privilégio visitar os cenários da vida de Cristo na Terra, andar pelos lugares por Êle trilhados, contemplar o lago à margem do qual gostava de ensinar, as montanhas e vales em que Seus olhos tantas vêzes pousaram. Mas não necessitamos de ir a Nazaré, a Capernaúm ou a Betânia para andar nos passos de Jesus. Encontraremos Sua pegadas ao pé do leito dos doentes, nas choças da pobreza, nos apinhados becos das cidades, e em qualquer

lugar onde há corações humanos necessitados de consolação. Fazendo como Jesus fazia quando na Terra, andaremos em Seus passos". — E. G. White, O Desejado de Tôdas as Nações, pg. 479.

Quem são os que hão-de ouvir, dos lábios do Mestre, as palavras de aprovação: "Muito bem, servo bom e fiel; fôste fiel no pouco, sôbre o muito te colocarei: entra no gôzo do teu senhor"?

"Os que na Terra tiverem resistido à prova, os que fôrem achados fiéis, os que tiverem obedecido às palavras do Senhor quanto a serem misericordiosos e quanto a usarem seus meios para o avançamento do Seu reino, são os que ouvirão dos lábios do Mestre: Bem está, servo bom e fiel". — E. G. White, *Review and Herald,* 26 de junho de 1894.

Não acreditamos em lendas, mas mencionaremos uma por encerrar uma lição de valor moral para nós:

Diz a tradição que a taça de que Jesus Cristo Se serviu na Santa Ceia, e em que José de Arimatéia recolheu o sangue derramado pela lança de Longinos, foi transportada pelos anjos para a floresta de Notumberlândia, na Inglaterra, e só poderia ser encontrada pelo mais puro e mais valente de todos os cavaleiros. Saiu, pois, à procura do santo gral o audacioso cavaleiro Távola Redonda. Viajou muito, transpondo montanhas e florestas, mas, como suas buscas foram infrutíferas, voltou, com o corpo fatigado e o espírito deprimido, para a côrte do Rei Artur. No caminho de volta, viu um homem contorcendo-se numa vala. Movido de compaixão, o cavaleiro apeou, deu uma taça com água ao sofredor, refrigerando-o, e eis que a taça resplandeceu como se estivesse viva, em fogo. O cavaleiro achou, assim, o santo gral, não mediante proezas, mas mediante atos de misericórdia ao necessitado. E nós também acharemos a presença de Jesus na presença dos sofredores.

O poço do qual não se tira água, constantemente, para os homens e os animais torna-se poluído. Só se conserva boa a cisterna que diàriamente fornece seu tesouro para dessedentar os sequiosos. Assim, também nós não conservamos as virtudes do caráter cristão (I Pe 1:5-7) a menos que pratiquemos a hospitalidade.

"O pecado extinguiu o amor que Deus colocou no coração do homem. A obra da igreja é reacender êsse amor. A igreja deve cooperar com Deus na tarefa de desarraigar o egoísmo do coração humano, implantando em seu lugar a benevolência que havia no coração do homem no seu estado original de perfeição". — E. G. White, *Letter* 134, 1902.

*A Redação.*

———//———

## *SÁBIO JULGAMENTO*

**— "Se teu irmão pecar, (disse Jesus, um dia)**
**Procura-o pessoalmente e com serenidade**
**Repreende-o; e, se êle aceitar a verdade,**
**Ganhaste o teu irmão para a tua alegria".**

**Mas se êle não te ouvir, em tua companhia**
**Leva mais dois irmãos e, plácido o persuade**
**De voltar à união dessa comunidade,**
**Em que o temor de Deus se fêz sabedoria.**

**Se êle insistir, porém, na prática da ofensa,**
**Ou quiser prosseguir na injusta indiferença,**
**Considera-o, então fora da comunhão! ..."**

*

**Amigos da Verdade e do Cristianismo,**
**Tende mais caridade e menos egoísmo,**
**Quando fordes julgar a obra de um irmão!**

# A Morte de Paulo

*E. G. White*

Durante o julgamento final de Paulo perante Nero, êste imperador ficou tão profundamente impressionado com a fôrça das palavras do apóstolo, que protelou a decisão do caso, não absolvendo nem condenando o acusado servo de Deus. Mas logo voltou a maldade do imperador contra Paulo. Exasperado pela sua incapacidade em sustar a propagação da religião cristã, mesmo na casa imperial, decidiu que, apenas se encontrasse um pretexto plausível, o apóstolo seria morto. Não muito depois Nero pronunciou a decisão que condenava Paulo à morte de mártir. Se bem que um cidadão romano não pudesse ser submetido à tortura, foi êle condenado a ser decapitado.

Paulo foi levado reservadamente ao lugar da execução. A poucos expectadores se permitiu estar presentes; pois seus perseguidores, alarmados com a extensão da sua influência, temiam que fôssem ganhos conversos para o cristianismo por meio das cenas de sua morte. Mas, até os soldados empedernidos que o acompanhavam, ouviram suas palavras, e com espanto o viram animoso e mesmo alegre à vista da morte. Para alguns que testemunharam seu martírio, o espírito de perdão que manifestou para com seus assassinos, e sua inabalável confiança em Cristo até o último momento, mostraram ser um cheiro de vida para vida. Mais de um aceitaram o Salvador que Paulo pregava, e sem demora selaram destemidamente com sangue a sua fé.

Paulo levava consigo a atmosfera do Céu. Todos os que com êle se associavam sentiam a influência de sua união com Cristo. O fato de que sua própria vida exemplificava a verdade que pregavam dava à sua própria pregação um convincente poder. Nisto reside o poder da Verdade. A influência expontânea e inconsciente de uma vida santa é o mais convincente sermão que se pode fazer em prol do cristianismo. O argumento, mesmo quando seja irrespondível, pode só provocar oposição; mas o exemplo piedoso tem um poder a que é impossíevl resistir completamente.

Quase vinte séculos se passaram desde que o idoso Paulo derramou seu sangue em testemunho da Palavra de Deus e para testificar de Jesus Cristo. Nenhuma mão fiel registrou para as gerações vindouras as últimas cenas da vida dêste santo homem; a inspiração, porém, nos preservou seu testemunho ao morrer êle. Como o clamor de uma trombeta, sua voz tem repercutido através de todos os séculos, enrijando com sua coragem milhares de testemunhas de Cristo, e despertando em milhares de corações, feridos pela tristeza, o eco de sua alegria triunfante: "Eu já estou sendo oferecido por aspersão de sacrifício, e o tempo de minha partida está próimo.. Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo Juiz, me dará naquêle dia; e não sòmente a mim, mas também a todos os que amarem a Sua vinda". II Tm 4:6-8.

——//——